

Conceito de «Contemplatio» no «Cântico Espiritual» de S. João da Cruz*

O grande objectivo do itinerário espiritual de S. João da Cruz é atingir a contemplação que conduz à intimidade divina e à união transformante. Na história da teologia espiritual, o doutor místico tem o mérito de acompanhar sempre a ascensão espiritual da alma para Deus com uma rigorosa interpretação teológica e discernimento crítico.

Trata-se do primeiro místico que atinge o nível de verdadeira sistematização científica, com uma notória consciência crítica face às graças extraordinárias de natureza mística.

Para S. João da Cruz, a intimidade divina e a união são o estado mais elevado a que se pode chegar na condição de «homo viator». Para atingir esta intimidade, é necessário passar pelo desprendimento total que facilitará a experiência da contemplação. Trata-se de experimentar a mesma vivência do Apóstolo Paulo que o doutor cita com frequência nos seus escritos: «Já não sou eu que vivo. É Cristo que vive em mim» (Gál 2, 20).

Neste trabalho limitar-me-ei a analisar o conceito de «contemplatio» no «Cântico Espiritual». Porém, para melhor compreendermos o contributo que o místico carmelita ofereceu à teologia espiritual nesta área, começo por uma breve análise histórica do conceito «contemplatio» na Tradição da Igreja.

1. Significado e conteúdo de «Contemplatio» na Tradição da Igreja

Uma das experiências espirituais mais ricas na vida e na história da Igreja é a contemplação. Que significa? Qual o seu conteúdo? Como se deu a sua evolução histórica?

* O presente fascículo de «DIDASKALIA» abre com a publicação do último trabalho de índole científica do Pe. Manuel Carreira das Neves, OFM, falecido a 20 de Maio de 1992. A direcção da revista entende assim prestar singela homenagem ao último professor de teologia espiritual da Faculdade de Teologia de Lisboa.

No contexto do Novo Testamento, foi S. João e S. Paulo que nos legaram as melhores páginas sobre a experiência da contemplação na vida cristã. Na sua primeira carta, João transmite-nos a experiência pessoal de evangelização a partir da contemplação do mistério da pessoa de Jesus Cristo, num encontro muito pessoal:

«O que ouvimos e vimos com os nossos próprios olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram acerca do Verbo da Vida, isso mesmo vos anunciamos»... «Do que vimos e ouvimos, isto vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco»¹.

Para João evangelista, o testemunho e o anúncio, a missão e a evangelização brotam naturalmente da contemplação do mistério de Jesus Cristo.

S. Paulo serve-se da palavra grega «gnosis» para explicitar este conhecimento íntimo de Deus, natural em todos os que O amam. Na interpretação posterior dos Padres Gregos, particularmente para S. Clemente de Alexandria (+215), fundador da primeira escola de espiritualidade na história da Igreja, «gnosis» significa a visão intelectual da verdade que nasce através do amor. Mais tarde, é com este conteúdo que o termo grego «gnosis» é traduzido pelo latino «contemplatio».

Para S. Gregório o Grande, contemplação é o fruto da reflexão da Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, o dom de Deus. É o permanecer em Deus, em perfeita sintonia com o desejo de Jesus Cristo na última Ceia. Neste permanecer, a inteligência e a vontade não assumem uma atitude activa, mas começam a experimentar e a saborear o que antes procuraram com todo o entusiasmo. Esta atitude conduz a um clima de repouso, de tranquilidade e de profunda paz interior. Neste sentido, S. Gregório define «contemplatio» como o «conhecimento de Deus que é impregnado de amor».

Até aos fins do séc. XVI, a oração contemplativa encontrou sempre bom acolhimento no magistério da Igreja. A partir de então, com os exageros de alguns métodos de contemplação que começaram a surgir, o magistério começou a levantar interrogações que se mantiveram até ao Concílio Vaticano II.

Hoje existe uma forte tomada de consciência que nos permite compreender que um dos maiores desafios para o presente e para o futuro da Igreja é o da renovação que tem de passar pela experiência da contemplação. Segundo Rhaner, um dos teólogos

¹ 1 Jo 1, 1-4.

contemporâneos mais atentos à necessidade desta renovação interior, «o cristão do futuro, ou será um místico, um contemplativo, um homem que experimentou Deus, ou não será cristão».

Que diz o Concílio Vaticano II acerca da contemplação? A *Gaudium et Spes* apresenta-nos uma preciosa definição na sequência da tradição da Igreja:

«Deus chamou e chama o homem para aderir a Ele com a total plenitude do seu ser na perpétua comunhão da incorruptível vida divina... O destino final do homem está na contemplação eterna do mistério inesgotável de Deus»².

No discurso de encerramento do Concílio, Paulo VI, ao falar da relação directa com o Deus vivo, explicitou melhor o conteúdo de «contemplatio». Depois de ter sublinhado que o Vaticano II procurou proclamar ao homem contemporâneo «que Deus existe, que é real, pessoal, providente, infinitamente bom, nosso criador, nossa felicidade», definiu de maneira muito expressiva a atitude contemplativa da vida: «de tal modo que o esforço de cravar n'Ele o olhar e o coração, a que chamamos contemplação, vem a ser o acto mais elevado e mais pleno do espírito, o acto que hoje pode e deve hierarquizar a imensa pirâmide da actividade humana»³.

Segundo a mensagem de Paulo VI, o objecto da contemplação não é uma ideia, nem sequer uma verdade. É ALGUÉM. É Deus, fonte e meta final da vida do homem.

Foi com o mesmo significado e conteúdo que João Paulo II definiu contemplação no documento «Dimensão contemplativa da Vida Religiosa», em 1980, e observou em Fátima dois anos depois: «Os contemplativos estão situados no coração do mistério da Igreja. A vida contemplativa é absolutamente vital para a mesma Igreja e para a Humanidade, sempre necessitados do oxigénio purificador e renovador da graça».

2. Itinerário Espiritual em S. João da Cruz e «Contemplatio»

2.1. Definição

Para S. João da Cruz, a experiência da contemplação deve acompanhar as três etapas do itinerário espiritual: a via purgativa,

² *Gaudium et Spes, Concílio Ecuménico Vaticano II*, Edit. A. O., 10ª Edição, Braga 1987, p. 356.

³ PAULO VI, *Discurso de encerramento do Concílio*, in *Concílio Ecuménico Vaticano II*, p. 521.

a via iluminativa e a via unitiva. Porém, só depois de ter analisado as diferentes exigências de cada uma destas vias clássicas da vida espiritual é que o doutor místico sugere uma definição de «contemplatio», quando trata da via unitiva:

«A contemplação é um ponto alto por onde Deus se começa a comunicar à alma e a mostrar-se-Lhe nesta vida⁴.

Portanto, para S. João da Cruz a contemplação é, acima de tudo, um dom de Deus: «é um ponto alto por onde Deus se começa a comunicar». Porém, no contexto do «Cântico Espiritual» o santo carmelita não esquece que a contemplação também é uma tarefa do homem. O maior contributo que o homem pode oferecer à contemplação situa-se no amor que conduz à paz:

«E daqui é que embora uma alma tenha altíssimas notícias de Deus e contemplação, e conheça todos os mistérios, se não tem amor, nada faz ao caso, para se unir com Deus, como disse S. Paulo (1 Cor 12,2)⁵.

Um pouco mais adiante, observa o doutor místico:

«Quanto à primeira propriedade que a alma sente, é de saber que ela se vê neste caso de tal maneira investida pela torrente do espírito de Deus e com tanta força apoderar-se dela, que lhe parece que vêm sobre ela todos os rios do mundo, que a investem, e sente serem ali submergidas todas as acções e paixões em que antes estava. Com ser coisa de tanta força não causa tormento, porque estes rios são rios de paz»⁶.

Na «noite escura», S. João da Cruz sintetiza esta experiência com uma definição lapidar:

«Contemplação não é outra coisa que infusão secreta, pacífica e amorosa de Deus que, se lhe dão lugar, inflama a alma no espírito de amor»⁷.

Frederico Ruiz, um dos melhores intérpretes de S. João da Cruz, observa a este respeito: «Sem ulteriores explicações, uma coisa fica clara e solidamente afirmada na doutrina sanjoanista, e é que a contemplação é actuação da vida teologal. Por conseguinte,

⁴ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Obras Completas*, 5ª ed., Edições Carmelo, Oeiras 1986, p. 648.

⁵ Idem, p. 648.

⁶ Idem, p. 656.

⁷ SÃO JOÃO DA CRUZ, *1 Noite Escura*, in *Obras Completas*, 5ª ed., Edições Carmelo, Oeiras 1986, p. 432.

é antes de tudo e sobretudo comunicação de Deus, antes que acesso à própria interioridade»⁸.

2.2. *Evolução do conceito «Contemplatio» no «Cântico Espiritual»*

O «matrimónio espiritual» é a meta do longo itinerário que S. João da Cruz nos apresenta no «Cântico Espiritual»:

«A ordem que levam estas Canções é desde que uma alma começa a servir a Deus até chegar ao último estado de perfeição que é o matrimónio espiritual»⁹.

Para se atingir esta meta, é necessário percorrer as três etapas: a via purgativa, a via iluminativa e a via unitiva. As canções do princípio tratam dos principiantes, é a via purgativa. As seguintes tratam dos aproveitados, é a via iluminativa onde se faz o desposório espiritual. Depois destas as que se seguem tratam da via unitiva, que é a dos perfeitos, onde se realiza o matrimónio espiritual. Esta via unitiva e de perfeitos segue-se à iluminativa, que é dos aproveitados; e as últimas canções tratam do estado beatífico, a que a alma já só pretende naquele estado perfeito»¹⁰.

A primeira exigência deste longo itinerário é o desprendimento total:

«Sendo, pois, o teu Esposo Amado, tesoiro escondido no campo de tua alma, pelo qual o sábio mercador deu todas as suas coisas (Mat 13, 44), convirá que tu, para O achares, olvides todas as tuas e afastando-te de todas as criaturas, te escondes em teu retiro interior do espírito e cerrando a porta atrás de ti (a saber, a tua vontade a todas as coisas) ores em segredo a teu Pai. E ficando assim escondido com Ele O sentirás então escondidamente, O amarás e gozarás escondidamente, e escondidamente, te deleitarás com Ele, mais que tudo quanto alcança a língua e o sentido»¹¹.

O doutor místico detém-se longamente nesta exigência do desprendimento, sem a qual não é possível experimentar o segredo da contemplação e chegar ao matrimónio espiritual:

«Alguns chamam Amado ao Esposo e não é deveras o seu Amado porque não têm n'Ele inteiro o coração, e assim a sua petição não é de tanto valor na presença de Deus; pelo que não

⁸ FREDERICO RUIZ, *Místico y Maestro San Juan de la Cruz*, Editorial de Espiritualid, Madrid 1986, p. 216.

⁹ SÃO JOÃO DA CRUZ, *Cântico Espiritual*, p. 572.

¹⁰ Idem, p. 572.

¹¹ Idem, p. 578.

alcançam logo o que pedem até que continuando a oração, cheguem a ter o ânimo mais contínuo com Deus e o coração com Ele mais inteiro, em afeição de amor, porque de Deus não se alcança nada se não é por amor»¹².

Mais adiante observa: «porque a satisfação do coração não se encontra na posse das coisas, mas na desnudez de todas elas e na pobreza do espírito»¹³.

Ao comentar a Canção III, S. João da Cruz sublinha que só no desprendimento total podemos encontrar o ambiente próprio para a experiência da vida contemplativa:

«E assim, nesta terceira canção, em que por obra ela mesma O quer buscar, diz o modo que há-de ter em O encontrar, a saber: que se há-de ir exercitando nas virtudes e exercícios espirituais da vida activa e contemplativa, e que para isso não há-de admitir deleites nem regalos alguns»¹⁴.

Servindo-se de imagens que caracterizam toda a literatura de São João da Cruz, o doutor místico procura concretizar melhor a exigência do desprendimento como caminho para a contemplação:

«Pelos *montes*, que são altos, entende aqui as virtudes: já pela sua altura, já pela dificuldade e trabalho que se passa em subir a elas, por onde diz que irá exercitando a vida contemplativa. Pelas *ribeiras*, que são baixas, entende as mortificações, penitências e exercícios espirituais, significando também para elas que irá exercitando a vida activa juntamente com a contemplativa, que antes disse; porque para buscar a Deus com segurança e adquirir as virtudes, é mister uma e outra»¹⁵.

Ainda com intenção de sublinhar a importância do desprendimento, escreve o doutor místico:

«Como para buscar Deus se requer um coração desnudo, forte e livre de todos os males e bens que não são puramente Deus, a alma diz no presente verso e seguintes a liberdade e a fortaleza que há-de ter para O buscar. E neste, diz que não colherá as flores que encontrar neste caminho, pelas quais entende todos os gostos, contentamentos e deleites que se lhe podem oferecer nesta vida e lhe poderiam impedir o caminho, se os quisesse colher e admitir;

¹² Idem, p. 581.

¹³ Idem, p. 582.

¹⁴ Idem, p. 593.

¹⁵ Idem, p. 594.

os quais são de três maneiras: temporais, sensíveis e espirituais. E porque uns e outros ocupam o coração e são impedimento à desnudez espiritual, qual se requer para o caminho direito de Cristo, se reparasse ou fizesse assento neles, diz que para O buscar não colherá nenhuma destas ditas coisas»¹⁶.

Por outro lado, S. João da Cruz reconhece nas Canções IV e V que todas as criaturas devem colaborar na procura do seu Amado e o ajudam na experiência de contemplação:

Ó bosques e espessuras
Plantados pela mão do meu Amado,
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me, se por vós terá passado?»¹⁷.

Procurando explicar o conteúdo desta Canção, observa o doutor místico:

«As coisas invisíveis de Deus são conhecidas da alma pelas coisas criadas visíveis e invisíveis. Fala pois nesta canção a alma com as criaturas, perguntando-lhes pelo Amado. E é de notar que, como diz Santo Agostinho (*Conf.* lib. X e 6), a pergunta que a alma faz às criaturas é a consideração que nelas faz do seu Criador»¹⁸.

É a partir desta experiência que São João da Cruz considera as criaturas «como um rastro do passo de Deus» que leva o homem à vida contemplativa:

«E diz que passou, porque as criaturas são como um rastro do passo de Deus pelo qual se descobre a grandeza, o poder, a sabedoria e outras virtudes divinas»¹⁹.

Ao descrever a via iluminativa, o doutor místico parte da experiência de vida de Moisés, no Monte Sinai, para falar da plena contemplação. «Porém, o Senhor respondeu-lhe, dizendo: «não poderás ver o meu rosto, pois o homem não pode ver-me continuando a viver». Que é como se dissesse: dificultosa coisa me pedes, Moisés; porque é tanta a formosura da minha face e deleite da vista do meu ser, que não a poderá sofrer a tua alma nessa sorte de vida tão fraca»²⁰.

¹⁶ Idem, p. 595.

¹⁷ Idem, p. 599.

¹⁸ Idem, p. 600.

¹⁹ Idem, p. 604.

Ao abordar a fase da transformação e da união íntima, S. João da Cruz não encontra outra experiência capaz de expressar melhor este estado de alma do que a experiência vivida por S. Paulo: «Já não sou eu que vivo. É Cristo que vive em mim (Gal 2, 20)²¹.

É da experiência desta transformação, que se dá no íntimo de cada um, que o doutor místico parte para a descrição e análise do «matrimónio espiritual»:

«Porque transformados em Deus, viverão vida de Deus e não sua, embora, por outro lado, vida sua, porque a vida de Deus será vida sua. E então dirão de verdade: vivemos nós, e não nós porque Deus vive em nós. O qual ainda que nesta possa ser, como o era em S. Paulo, não o é contudo perfeita e acabadamente, embora a alma chegue a tal transformação de amor que chegue ao matrimónio espiritual, que é o mais alto estado a que se pode chegar nesta vida, porque tudo se pode chamar «esboço» de amor em comparação daquela perfeita figura de transformação de glória»²².

Para exemplificar este estado de união, o doutor místico serve-se da imagem da pomba:

«Volve já, ó pomba,
Que o cervo vulnerado
Por sobre o outeiro assoma
Ao ar desse teu voo, e o fresco toma»²³.

Explica S. João da Cruz: «Este desejo e voo impediu logo o Esposo, dizendo: *volve já, ó pomba*, que a comunicação que agora de mim recebes ainda não é desse estado de glória que tu agora pretendes; porém volve para mim, que sou a quem tu buscas, chagada de amor; que também eu, como o cervo ferido do teu amor, começo a mostrar-me a ti pela alta contemplação, e tomo recreação e refrigério no teu amor contemplativo»²⁴.

O grande teste desta alta contemplação é o amor: «E daqui é que embora uma alma tenha altíssimas notícias de Deus e contemplação, e conheça todos os mistérios, se não tem amor, nada

²⁰ Idem, p. 629

²¹ Idem, p. 639

²² Idem, p. 640

²³ Idem, p. 643

²⁴ Idem, p. 643

faz ao caso, para se unir com Deus, como disse S. Paulo (1 Cor 13, 2)²⁵.

Nas Canções XIV e XV, o santo carmelita desenvolve mais pormenorizadamente as características da união através do matrimónio espiritual:

«Neste voo espiritual que acabamos de dizer, se denota um alto estado e união de amor em que depois de muito exercício espiritual Deus costuma pôr a alma, a que chamam desposório espiritual com o Verbo, Filho de Deus. E ao princípio, isto é, a primeira vez que isto se realiza, Deus comunica à alma grandes coisas de si mesmo, aformoseando-a de grandeza e majestade, e adornando-a de dons e virtudes, e vestindo-a de conhecimento e honra de Deus, tal como a desposada em dia de desposório»²⁶.

Para nos explicar melhor este novo estado de alma, o doutor místico serve-se da experiência do Poverello de Assis:

«Nas quais diz a Esposa que o seu Amado é em si todas estas coisas e que o é para ela; pois naquilo que Deus costuma comunicar em semelhantes excessos, a alma sente e conhece a verdade daquele dito de S. Francisco, a saber: “*meu Deus e meu tudo*”»²⁷.

Ao descrever-nos o conteúdo da Canção XV, S. João da Cruz apresenta cinco características e cinco níveis diferentes da contemplação. Para tal, serve-se da experiência de David quando se sentiu como um pássaro solitário:

«É este conhecimento, julgo eu, que David quis dar a entender ao dizer: *vigilavi et factus sum sicut passer solitarius in tecto* (Sal 101, 8), que quer dizer: *Acordei e fui feito semelhante ao pássaro solitário no telhado*. Como se dissera: abri os olhos do meu entendimento e achei-me sobre todas as inteligências naturais, solitário, sem elas, no telhado, que é sobre todas as coisas cá de baixo. E diz que foi feito semelhante ao pássaro solitário porque neste modo de contemplação o espírito tem as propriedades deste pássaro, que são cinco. A primeira é que de ordinário põe-se no mais alto, e assim o espírito neste passo põe-se em altíssima contemplação. A segunda é que sempre tem o bico voltado para o vento, e assim aqui o espírito volta o bico do afecto para o Espírito de amor, que é Deus. A terceira é que ordinariamente está só e não consente outra qualquer ave junto

²⁵ Idem, p. 648.

²⁶ Idem, p. 651.

²⁷ Idem, p. 653.

de si, senão que pousando alguma ao pé, logo se vai; e assim nesta contemplação o espírito está em soledade de todas as coisas, desnudo de todas elas e não consente em si outra coisa senão soledade em Deus. A quarta propriedade é que canta muito suavemente, e o mesmo faz a Deus o espírito a este tempo; porque os louvores que dirige a Deus são de suavíssimo amor, saborosíssimos para o espírito e preciosíssimos para Deus. A quinta é que não é de nenhuma cor determinada; e assim é o espírito perfeito que não só, neste excesso, não tem qualquer cor de affecto sensível e amor próprio»²⁸.

O doutor místico termina a descrição do matrimónio espiritual servindo-se do conhecido símbolo da ceia do Apocalipse:

«A ceia para os amados é recreação, fartura e amor. E porque o Amado causa estas três coisas na alma nesta suave comunicação, ela chama-lhe aqui a *ceia que recreia e enamora*»²⁹.

E mais adiante: «Porém, para que se entenda melhor como seja para a alma esta «ceia», que é, como dissemos, o seu Amado, convém aqui notar o que o mesmo Amado Esposo diz no Apocalipse, a saber: Eu estou à porta e chamo; «se alguém me abrir, entrarei e cearei com ele e ele comigo» (3, 20)³⁰.

2.3. «Contemplatio» e a transformação total no Amado

A partir da Canção XXII, o doutor místico identifica o matrimónio espiritual com a transformação total no Amado. Com uma linguagem que não tem em conta o acento que procurou dar à contemplação deste itinerário espiritual, observa:

«E depois entra na via contemplativa, em que passa pelas vias e apertos de amor, que no decorrer das canções tem ido contando, até à que diz: *Aparta-os, Amado*, em que se realizou o desposório espiritual (Canção XIII). Daqui por diante vai pela via unitiva, em que recebe muitas e muito grandes comunicações e visitas e dons e jóias do Esposo, tal como a desposada, e se vai inteirando e aperfeiçoando no Amor d'Ele, como tem contado desde a dita canção, onde se fez o desposório, que diz: *Aparta-os, Amado*, até esta agora, que começa: *E já entrou a Esposa*, em que restava fazer-se o

²⁸ Idem, p. 666.

²⁹ Idem, p. 669.

³⁰ Idem, p. 670.

matrimônio espiritual entre a dita alma e o Filho de Deus. O que é, sem comparação, muito mais que o desposório espiritual; porque é uma transformação total no Amado, em que ambas as partes se entregam por total posseção de uma à outra, com certa consumação de união de amor, em que a alma está feita divina e Deus por participação, quanto se pode nesta vida»³¹. Ao terminar a descrição desta experiência espiritual, o doutor místico afirma «que é esta o mais alto estado a que nesta vida se pode chegar»³².

Também nesta etapa da vida mística, S. João da Cruz não encontra melhor explicação do que a experiência de S. Paulo: «Já não sou eu que vivo. É Cristo que vive em mim» (Gal 2, 20)³³.

A maior parte do Cântico Espiritual é dedicado à descrição do matrimônio espiritual e à transformação total. Das quarenta canções, apenas doze abordam a via purgativa e a via iluminativa. As outras são inteiramente dedicadas à via unitiva que tem por meta final o matrimônio espiritual e a união transformante.

Na Canção XXVI, o doutor místico utiliza o símbolo da «*adega interior*» para melhor explicitar a transformação do amor em Deus:

«Bebi do meu Amado
Na adega interior; quando saía
Por todo aquele prado,
Já nada conhecia
E o rebanho deixei que antes seguia»³⁴.

Esclarece S. João da Cruz: «Para algo dizer desta *adega* e declarar o que aqui quer dizer ou dar a entender a alma, era mister que o Espírito Santo tomasse a mão e movesse a pena. Esta adega que aqui a alma menciona, é o último e mais íntimo degrau de amor em que a alma se pode colocar nesta vida, e por isso lhe chama «*adega interior*», a saber, a mais interior; daqui segue-se que há outras não tão interiores, que são os degraus de amor por onde se sobe até este último»³⁵.

Só depois de ter explicado o que compreende por *adega interior* é que o doutor místico descreve o significado do primeiro versículo: «bebi do meu Amado»:

³¹ Idem, p. 710.

³² Idem, p. 711.

³³ Idem, p. 711.

³⁴ Idem, p. 735.

³⁵ Idem, p. 735.

«Porque assim como a bebida se difunde e derrama por todos os membros e veias do corpo, assim se difunde esta comunicação de Deus substancialmente em toda a alma, ou para melhor dizer, a alma transforma-se em Deus, segundo a qual transformação a alma bebe do seu Deus segundo a substância dela e segundo as suas potências espirituais»³⁶.

Para expressar a intimidade desta comunicação de Deus com o homem, S. João da Cruz não encontra melhor imagem do que a Mãe. Podemos afirmar que para o doutor místico, nesta etapa da união transformante, Deus é mais Mãe do que Pai:

«Nesta união interior, Deus comunica-se à alma com tantas veras de amor que não há afecto de mãe que com tanta ternura acaricie seu filho, nem amor de irmão, nem amizade de amigo que se lhe compare». Ainda no mesmo contexto, S. João da Cruz desenvolve este pensamento um pouco mais adiante: «E assim está aqui empregado em regalar e acariciar a alma tal como a mãe em servir e regalar a seu menino, criando-o ao seu seio. Nisto reconhece a alma a verdade do dito de Isaías: *Aos peitos de Deus sereis levados, e acariciados sobre seu regaço* (66, 12)³⁷.

Na canção seguinte, a XXVII, S. João da Cruz procura desenvolver melhor o seu pensamento:

«Ali me deu seu peito
E ciência me ensinou mui saborosa,
E a Ele, dom perfeito
De mim, lhe fiz gostosa. E ali lhe prometi ser sua esposa»³⁸.

Ao descrever esta canção, o doutor místico procura sublinhar que a contemplação é esta «ciência saborosa»:

«Esta *ciência saborosa* que a alma diz que o Amado lhe ensinou é a teologia mística, que é a ciência secreta de Deus, que os espirituais chamam *contemplação*, a qual é mui saborosa porque é ciência por amor, o qual é o seu mestre, e é ele que torna tudo saboroso»³⁹.

³⁶ Idem, p. 737.

³⁷ Idem, p. 746.

³⁸ Idem, p. 746.

³⁹ Idem, p. 746.

Servindo-se do símbolo da pomba, o santo carmelita acentua mais adiante que contemplar é fixar o olhar em Deus que nos ama:

«O Esposo chama à alma *cândida pombinha* pela brancura e pureza que recebeu da graça que encontrou em Deus. E chama-lhe *pomba* porque assim lhe chama nos Cantares, para denotar a simplicidade e mansidão de natureza e amorosa contemplação que ela tem. Porque a pomba não só é simples e mansa, sem fel, mas também tem os olhos claros e amorosos; e por isso, o Esposo *para significar esta propriedade de contemplação amorosa com que ela olha a Deus*, disse ali também que tinha *olhos de pomba* (Cant 4, 1)⁴⁰. É ainda neste contexto que o doutor místico chama à contemplação o *alto estado da vida mística*, através do qual se atinge a sabedoria de Deus:

«E por esta tal alma, antes que chegasse a este alto estado, andou com grande amor buscando o seu Amado, não se satisfazendo em nada sem Ele, o mesmo Esposo canta aqui o fim das suas fadigas e o cumprimento dos desejos dela, dizendo: *já a rolazinha ao sócio que esperou junto às ribeiras verdes encontrou*, que é tanto como dizer: já a Alma Esposa se senta em ramo verde, deleitando-se em seu Amado; e já bebe a água clara de mui alta contemplação e sabedoria de Deus...»⁴¹

Ao terminar o Cântico Espiritual, S. João da Cruz sublinha que é a «clara contemplação da essência divina» que conduz à transformação total.

Como acontece em todos os seus escritos, o doutor místico procura fundamentar esta última etapa da união transformante:

«E como isto seja, não se sabe nem pode dizer, mas apenas dar a entender como o Filho de Deus nos alcançou este alto estado e nos mereceu este subido posto de podermos ser filhos de Deus, como diz S. João, e isto pediu ao Pai segundo o mesmo S. João, dizendo: *Pai, quero que onde eu estou, estejam também comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me desde* (Jo 17, 24); a saber, que façam em nós, por participação, a mesma obra que eu faço por natureza, que é aspirar o Espírito Santo».

⁴⁰ Idem, p. 737.

⁴¹ Idem, p. 746.

Conclusão

Ao terminarmos esta leitura atenta do «Cântico Espiritual», é fácil chegarmos à conclusão de que existe uma grande sintonia de S. João da Cruz com o conteúdo do conceito «contemplatio» na tradição cristã.

Pelo contexto de todo o itinerário traçado pelo doutor místico, a contemplação não é uma nova forma de oração, mas, acima de tudo, uma qualidade nova da vida teologal que tonifica a oração e garante uma nova qualidade de vida a toda a existência humana.

As duas principais exigências para se atingir esta nova qualidade de vida teologal são evidentes no itinerário espiritual traçado pelo doutor místico:

1. *Desprendimento e desnudez interior.* «porque a satisfação do coração não se encontra na posse das coisas, mas na desnudez de todas elas e na pobreza de espírito»⁴².

Não obstante a sua insistência do desprendimento das criaturas, S. João da Cruz reconhece que após a primeira fase de libertação, as criaturas também colaboram no caminho da contemplação, porque descobre nas mesmas criaturas «um rastro do passo de Deus»⁴³.

2. *Vivência do mandamento do amor,* o teste final da contemplação. «Embora uma alma tenha altíssimas notícias de Deus e contemplação, e reconheça todos os mistérios, se não tem amor, nada faz ao caso, para se unir a Deus, como disse S. Paulo»⁴⁴.

A partir desta experiência, o doutor místico chama à contemplação uma *nova ciência, animada pelo amor*:

«Esta ciência saborosa que a alma diz que o Amado lhe ensinou é a teologia mística, que é a ciência secreta de Deus, que os espirituais chamam contemplação, a qual é *mui saborosa porque é a ciência do amor*».

Partindo desta experiência mística, S. João da Cruz sintetiza todo o seu pensamento quando afirma que é a «clara contemplação da essência divina» que conduz à união transformante, a grande meta do seu itinerário espiritual.

MANUEL CARREIRA DAS NEVES

⁴² Idem, p. 582.

⁴³ Idem, p. 604.

⁴⁴ Idem, p. 648.